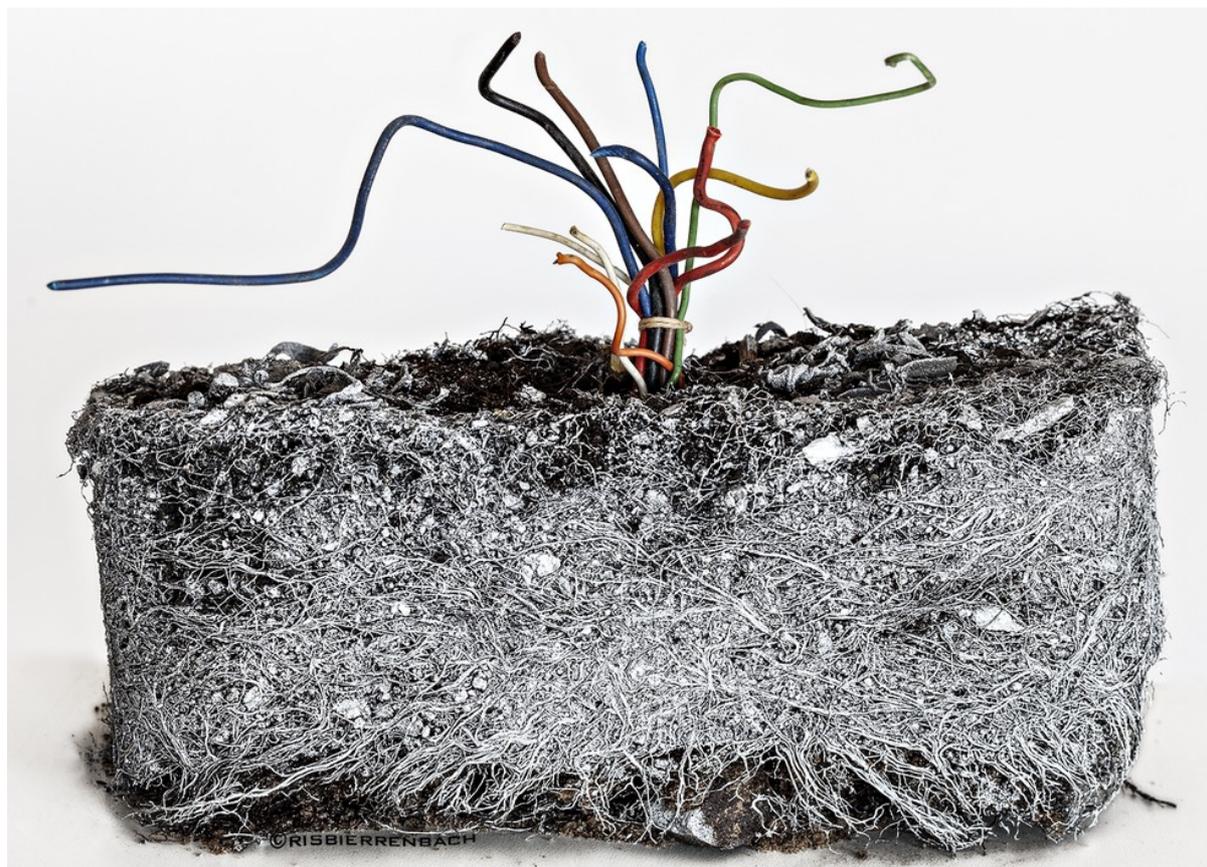


Pensamento e a arte são processos coletivos

Tatiana Salem Levy

Valor, 28.08.2020

“Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra.”



— Foto: Cris Bierrenbach

Acabo de ler três lançamentos que me transmitiram a sensação de que o pensamento e a arte são processos coletivos. Nesses livros, noto uma pequena comunidade que quer retomar a ligação com a Terra, reforçando ideias que parecem cada vez mais esfaceladas: a presença física do corpo; a memória dos ancestrais; a relação entre humanidade e natureza.

1. “Morte na Floresta” (Todavia). Neste livro, Aparecida Vilaça parte da atual pandemia de covid-19 e do descaso das instituições para mostrar como há mais de cinco séculos os povos indígenas vêm sendo dizimados por diferentes surtos epidêmicos levados pelos invasores de seus territórios. Nesse percurso, Vilaça, que conviveu durante anos com os Wari’, identifica a objetificação da natureza como o princípio do seu controle e exploração. Se os indígenas, ao contrário, não destroem a Terra, é porque a entendem como parte de si mesmos.

Em vários dos povos que ainda habitam o Brasil, os mitos “nos contam sobre um momento do passado em que os humanos e os animais tinham todos a forma humana e

viviam juntos”. No corte temporal que deu origem ao presente, os humanos e os animais se distinguiram na forma física, “embora a subjetividade destes últimos tenha sido mantida”.

Há um ponto fundamental que Vilaça destaca: enquanto para nós os mitos falam de um mundo passado, para os índios, eles estão no dia a dia (como outrora estiveram para os gregos). Há, então, uma grande teia, na qual tudo se toca: mitos e cotidiano, natureza e humanidade, passado e presente. Tudo faz parte de uma mesma narrativa a que poderíamos chamar simplesmente de vida.

O pensamento relacional dos indígenas aparece também na constituição da subjetividade, que se torna mais fluida e mutável do que o nosso “Penso, logo existo”. Na cultura Wari, o xamã tem um corpo duplo, “assumindo formas distintas: humano e onça, por exemplo”. Os jesuítas, que vieram para cá com o intuito de aculturar os indígenas, costumavam mostrar perplexidade quando um deles aparentemente embranquecia, para logo depois voltar à sua condição anterior. Mas para quem conviveu anos com um povo indígena a resposta é evidente: “O que eles querem é capturar a diferença em seus corpos, mantendo-se fortemente enraizados em seu mundo.”

Enquanto a nossa cultura revela um apreço pela identidade, rejeitando a diferença (com a subida da extrema-direita mundo afora piorando o cenário), “os indígenas estão interessados na diferença e na multiplicidade”. E assim os toleramos cada vez menos, com um projeto de governo que não tem a menor vergonha em afirmar que o que eles querem é trabalhar, ganhar dinheiro, ser como nós - destruindo toda diferença ao imitar o próprio modo de ser dos vírus: reproduzindo “a sua sociedade e a sua religião por meio de qualquer corpo estranho”. E o que for estranho demais - como as florestas, os mares, os animais, o solo - ah!, mais vale acabar de vez.

2. “A Vida Não É Útil” (Companhia das Letras). Então aparece Ailton Krenak para nos lembrar do óbvio: os indígenas não têm o trabalho como objetivo de vida nem querem ganhar dinheiro. Krenak evoca “Vigiar e Punir”, livro no qual Foucault diz que a sociedade de mercado só considera o ser humano útil quando produz, antes de afirmar: “A vida não tem utilidade nenhuma. A vida é tão maravilhosa que a nossa mente tenta dar uma utilidade a ela, mas isso é uma besteira. A vida é fruição, é uma dança.”

É claro que nós, do jeito que fomos criados, teríamos dificuldade em passar a vida fruindo e dançando. Desde cedo, é-nos injetada a premissa de que temos que ser alguém na vida, o que significa ter uma profissão, trabalhar e ganhar dinheiro. Sem isso, a vida tal como a conhecemos perde o sentido. Mas até o sentido da palavra sentido tem conotações diferentes. Para eles, significa estar em conexão com os outros seres. Para nós, se confunde com objetivo.

“O pensamento vazio dos brancos”, arremata Krenak, “não consegue conviver com a ideia de viver à toa no mundo, acham que o trabalho é a razão da existência. Eles escravizaram tanto os outros que agora precisam escravizar a si mesmos.” E se não conseguimos viver à toa no mundo é porque o vemos como objeto a ser explorado, de onde tiramos aquilo de que precisamos para viver cada vez mais afastados do resto.

E assim destruímos tudo à nossa volta, os nossos corpos e os corpos dos outros. Tudo para obedecer à lógica do progresso, para seguir em direção a um ponto - um objetivo, um sentido. Nessa lógica, o corpo é mais um obstáculo a ser superado. Krenak tem razão quando diz que “a maior parte das invenções é uma tentativa de nós, humanos, nos projetarmos em matéria para além de nossos corpos.” Se pudéssemos abolir o corpo, melhor ainda.

Mas se quisermos repensar o que fizemos até aqui, vamos perceber que “o equipamento que precisamos para estar na biosfera é exatamente o nosso corpo”. E que esse corpo está

relacionado “com tudo o que é vida”. “Observamos a terra, o céu e sentimos que não estamos dissociados dos outros seres”, constata Krenak. Nem dos outros seres nem de nós mesmos.

É por isso que o sonho, assim como os mitos, fazem parte do presente. Se não há separação entre mito e vida, por que haveria entre sonho e realidade? E foi nos sonhos, lugar de veiculação dos afetos, que Krenak passou “a ouvir os rios falando, ora com raiva, ora ofendidos”. Para os povos indígenas, não só os animais falam, mas também as montanhas, as árvores, as pedras. E assim ele conclui: “Ou você ouve a voz de todos os outros seres que habitam o planeta junto com você, ou faz guerra contra a vida na Terra.”

3. “Eu, Ota, rio de Hiroshima: o dia que virou noite” (Temporal, trad. Flavia Lago). A literatura anda cada vez mais atenta ao que dizem os outros seres. Nesta peça, o dramaturgo francês Jean-Paul Alègre encena uma história bastante conhecida, agora contada pela voz de um rio: “Sou Ota, o belo, o doce, e, como todos os rios o fazem, mesmo que não seja comum ouvi-los, venho contar uma história a vocês.” Alègre ouve e deixa falar o rio que levou sobre si a maior descarga nuclear da nossa história: a bomba atômica lançada sobre Hiroshima, cidade que ele atravessa.

E Ota, por sua vez, fala e ouve. Ouve o presidente americano Roosevelt e seu conselheiro para assuntos científicos, Vannevar Bush, articularem, em 1939, a construção de tal bomba. Eles retomam as descobertas científicas entre o fim do século XIX e o início do XX para mostrar o percurso até essa arma que iria destruir seres humanos, fauna, flora, água, solo e subsolo durante décadas a fio. Embora se perguntem sobre o uso dessa energia - que se mostra “a serviço da medicina, da indústria, uma benfeitoria. Mas uma terrível arma em tempos de guerra.” -, não desistem de produzi-la (com a eterna desculpa americana: “Se não o fizemos, senhor presidente, outros o farão.”).

Ota, representado por uma mulher altiva, é um rio sofrido - sua voz traz uma desgraça que conhecemos de antemão. Ela mostra os articuladores do mal, mas também a alegria de Akimitsu, a menina órfã que descobre a felicidade em Hiroshima, “com a paisagem tão bela, tão doce, tão serena”. A menina que espera a chegada do irmão, Yoshi, marcada para o dia do lançamento da bomba. Enquanto 140.000 pessoas trabalham num projeto empenhado em destruir a vida de outras tantas, Akimitsu e Yoshi tentam recuperar a alegria se juntando à natureza.

Hiroshima é a sétima cidade do Japão, pouco bombardeada até então e, por isso, o alvo ideal. Para ser mais precisa, o alvo era a ponte Aioi, sobre o rio Ota. O rio que seria a casa de muitas gerações de peixes radioativos, e que relata, para que possamos enfim ouvi-lo: “Eu vi o clarão. Vi o momento em que a noite caiu sobre uma calma manhã de verão. Vi os corpos delicados das crianças se transformarem em largas gotas de chuva negra. Eu vi o impossível. Eu vi o indizível.”

O dia que virou noite é contado também por diferentes vozes de sobreviventes que aparecem no fim da peça. Quem sobreviveu conta, seja gente, seja rio. Que bom que temos os mitos, os sonhos e a literatura para ouvi-los.

**Tatiana Salem Levy, escritora e pesquisadora da Universidade Nova de Lisboa,
escreve neste espaço quinzenalmente
E-mail: tatianalevy@gmail.com**